

Depois de o argentino Mariano Pensotti ter arrancado, em 2024, a colaboração entre os festivais de Avignon e de Viena para pequenos formatos, num projecto intitulado Pièce Commune / Volksstück, há um ano foi a vez de Milo Rau criar uma peça para a constituição deste “reportório de bolso” imaginado por artistas cujo trabalho é mostrado com frequência nos grandes palcos europeus.

De acordo com as regras do projecto, a peça deve ser pensada para circular de forma itinerante e ser

apresentada em lugares pouco convencionais (centros comunitários, campos de futebol, palcos ao ar livre, etc.), escrita para um máximo de dois actores e com um mínimo de requisitos técnicos. Pensotti resolveu cruzar a vida do alpinista Jean Vidal e a do actor Michel Roux, ligando os discursos de ambos pela relação que mantinham com os respectivos pais. Milo Rau chamou o actor Arne De Tremerie e a actriz Olga Mouak, e trabalhou a partir de obsessões na vida de ambos: a de Arne por *A Gaivota*, a peça preferida da sua avó, a de Olga pela figura de Joana d’Arc.

Arne e Olga são ligados também por dois violentos traumas familiares que dão o nó dramático em *La Lettre*, peça estreada há um ano no Festival d’Avignon e agora apresentada domingo, 12 de Julho, no Palco Grande (Escola D. António da Costa, Almada) do Festival de Almada. Se a avó dela, camaronesa, que ouvia vozes devido à sua condição esquizofrénica, morreu num incêndio de causas desconhecidas – a actriz imagina que talvez as vozes lhe tenham soprado o que fazer, nascendo aí, possivelmente, a sua atracção por Joana d’Arc –, a avó dele cresceu com

Pequeno formato estreado em Avignon há um ano, *La Lettre* chega domingo ao Festival de Almada. Uma peça de obsessões e traumas familiares, para dois actores e uma ideia de teatro popular.

Gonçalo Frota

Com *La Lettre* Milo Rau continua um crente no teatro

FOTOGRAFIA DE CHRISTOPHE RAYNAUD DE LAGE



O actor Arne De Tremerie e a actriz Olga Mouak na peça *La Lettre*

a história marcada a brasa na família de ter um dia sido confrontada com a carta em que a sua mãe anunciava a partida de casa, abandonando-a para sempre. É aí que *La Lettre* vai buscar o seu título.

Milo Rau, conta ao Ípsilon, descobriu esta história durante a digressão de *Antígona na Amazônia* – peça construída com o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, “convertendo uma tragédia grega em ferramenta de luta anticapitalista”, escrevia-se nestas páginas –, quando na sua passagem por Nova Iorque a família de Arne De Tremmerie foi assistir ao espectáculo-denúncia. “O Arne, o pai e o avô contaram-me a história e achei muito forte a presença desta ausência”, lembra. Essa mesma ideia de ausência que o encenador encontraria depois na relação de Olga com a sua mãe – devido ao aparente desinteresse desta pela carreira de actriz da filha, “como se negasse que ela existe enquanto artista”.

Há algo dessa aprovação ou rejeição parental a atravessar *La Lettre*, dessa ideia de que “qualquer um de nós pode ser reforçado ou destruído ao ser visto ou não ser visto pelos seus pais”, comenta Milo Rau. “As pessoas que estão presentes enquanto crescemos permanecem muito importantes no início da carreira e até mais tarde, por razões biográficas e emocionais. Por exemplo, o juízo da minha mãe é muito importante para mim e não porque ela tenha um grande conhecimento de teatro. É simplesmente importante. Quando um crítico diz algo, posso relativizar, ‘é apenas uma opinião’, ou até encontrar algo útil naquilo que expressa, mas aquilo que a minha mãe diz é mais universal – é um pouco como avaliar se me portei bem ou me portei mal.”

Numa edição do Festival d’Avignon, há um ano, em que várias peças lidavam de forma evidente com a problemática das relações filiais – por aí passaram também *Israel & Mohamed*, de Israel Galván e Mohamed El Khatib, *La Distance*, de Tiago Rodrigues, *Affaires Familiales*, de Emilie Rousset, ou *O Pato Selvagem*, o Ibsen de Thomas Ostermeier –, *La Lettre* vai também criando evidentes pontes entre as biografias de Arne e Olga, e as suas obsessões. Ao falarmos desta relação de fragilidade dos filhos perante os pais, logo somos remetidos para essa dinâmica essencial à peça *Gai-vota*, quando o jovem dramaturgo Treplev e a sua mãe, a famosa actriz Arkadina, não representam apenas noções distintas daquilo que o teatro pode ser ou a tentativa de vingar fora de sombra dos progenitores, mas também uma necessidade de provar o seu valor diante do outro.

“Ao mesmo tempo, o filho [Treplev] nunca consegue ver que a mãe tem os seus próprios problemas,

sendo uma actriz de alguma idade, por exemplo”, lembra Milo Rau, recordando o quanto ambos os lados se atingem e ferem. “Este tipo de situações sempre me interessou. Bem vistas as coisas, todas as tragédias gregas podem ser reduzidas a histórias familiares. Política e família, é sempre este o centro das coisas. Quis trabalhar isto junto do público, até porque me parece que é de entendimento imediato, não é necessário explicarmos às pessoas a importância de que um pai ou uma mãe goste daquilo que fazemos em palco.”

No caso de Arne, claro, esta relação vai mais atrás (mas num mesmo sentido), até à relação com a sua avó, estrela da rádio flamenga, fã de *A Gai-vota*, que sempre sonhou enfiar-se na pele de Nina ou de Arkadina, grande entusiasta da decisão do neto em dedicar-se ao teatro e que faleceu na altura em que ele entrava no Conservatório. Trazer a peça de Tchekhov para palco, partilhá-la com a voz imaginada da sua avó, é uma questão de corrigir aquilo que a vida não foi capaz de cumprir.

Do estádio ao programa de rádio

Há um ano, Milo Rau apresentou em Avignon a sua minuciosa encenação de *O Julgamento Pelicot* (homenagem a Gisèle Pelicot, apresentada depois em Lisboa, no âmbito da BoCa). Uma operação de larga escala, mais sintonizada com uma prática teatral do encenador suíço, mergulhando as mãos em espectáculos implicados politicamente e com uma particular predilecção pelo formato de tribunal. *La Lettre*, “uma pequena comédia” e o inverso dessa grandiosidade, foi uma criação que Rau pensou mais “como um ‘projecto paralelo’, sem a sua ambição habitual de querer assinar um grande manifesto artístico.

“Agora, durante a digressão, a minha avaliação da peça tem-se alterado, e comecei a considerá-la mais real”, confessa ao Ípsilon. “Estou a começar a gostar cada vez mais dela – e o mesmo se passa com os actores. Porque é nova de cada vez que a fazemos, especialmente agora que circulamos com o espectáculo. Discutimos sempre antes e fazemos novas pequenas versões para cada lugar.” Na sua recente passagem pela Transilvânia, por exemplo, houve “piadas sobre o passado socialista e sobre vampiros”, clichés usados para criar uma ligação ao público num modelo de teatro popular e sem grande fronteira entre palco e plateia.

Essa recente apresentação de *La Lettre* na Roménia, num “palco muito pequeno, de um teatro infantil”, deixou Milo Rau especialmente orgulhoso. “É um pouco como acontece com os músicos que fazem concertos de estádio e depois se vêem num pequeno programa de rádio, sacam da



guitarra e actuam, talvez já esquecidos de que foi assim que começaram, só voz e guitarra, tendo depois seguido um caminho totalmente diferente. Também eu fui para um sítio diferente e é bom recordar-me de que gosto realmente de teatro. Porque, após algum tempo, comecei a convencer-me de que detestava teatro. Tal como um crente que pode odiar a Igreja Católica ou Ortodoxa, ou qualquer outro meio de dominação e de capital. Em momentos destes, é possível ver que, atirando tudo o resto fora, continuo a ser um crente e que a relação – no meu caso, com o teatro – permanece intacta.”

La Lettre é, na descrição de Milo Rau, “um regresso a um nível quase pré-técnico”, um espectáculo feito de actores, sem grande desenho de luz ou uso de vídeo, mas com as vozes pré-gravadas de Anne Alvaro, Isabelle Huppert, Jocelyne Monier e Marijke

Pinoy. São recursos mínimos, numa linguagem simples e que se presta a contar uma história, uma peça que parte ao encontro do seu público e que, durante as apresentações no Festival d’Avignon nos arredores da cidade francesa, partilhou cartazes e programações com “serões de dança, noites de *paella*, clubes infantis e concertos de rock”. “Para mim, enquanto criador”, diz-nos Milo Rau, “interessa-me muito fazer algo próximo dos clássicos, acessível, mas complexo ao mesmo tempo.” E que compara ao teatro de Shakespeare ou Molière, feito para o povo, mas sem menorização nesse gesto.

A simplicidade, a raiar a inocência, de *La Lettre* assenta também na forma como as histórias de Arne e Olga, escutadas, transformadas e escritas por Milo Rau, se fazem escutar em palco. Arne teve, de facto, uma namorada com quem terminou a sua relação depois de uma confissão com que se confrontou no seu regresso das datas brasileiras de *Antígona na Amazônia*; Olga tem mesmo uma pequena biblioteca de filmes sobre Joana d’Arc. E esta constante intromissão das vidas dos dois actores, partilhadas com uma candura frágil, faz com que a peça exista num lugar de leveza que, apesar dos episódios traumáticos que nela habitam, não se deixa dominar por eles e permite-se olhá-los com humor.

Até mesmo quando, com recurso às vozes pré-gravadas, *La Lettre* traz ao palco a evocação de pessoas já desaparecidas. “Penso que o teatro, desde o início”, diz-nos Milo Rau, “talvez se baseie em duas coisas: a discussão sobre a sociedade, o coro na tragédia grega, e o lado ritualístico que existe no diálogo com os mortos.” É

assim em *Os Persas*, recorda, tal como o é em *Hamlet*. “Há sempre esta ideia de que os mortos não podem descansar até que, num tribunal popular, tenhamos resolvido os seus erros passados. Há quem acredite que basta haver um palco, alguém lá em cima e uma discussão com o público e já é teatro. Não é verdade. Tem de haver algo maior, por resolver e morto.”

Embora de uma forma muito menos óbvia do que é habitual em Milo Rau, *La Lettre* pode ser também entendido como um espectáculo de fundo político. Sobretudo pelo propósito de ser partilhado em lugares menos convencionais, o teatro deslocar-se em procura do seu público e não a convocá-lo para os seus edifícios imponentes, criando assim uma assembleia popular para pensar o mundo. “Claro que, ainda assim, é um trabalho político à moda antiga”, comenta Milo Rau. “Não é como as campanhas de Internet em que, graças aos algoritmos, se chega a 4 mil milhões de pessoas com um só botão. É isso é importante quando, em movimentos como o #MeToo e a Primavera Árabe, permite muita gente perceber que não está sozinha. Aqui, claro que não se trata bem disso, porque o teatro é uma das únicas formas de arte que não podem ser distribuídas e reproduzidas – como são os filmes, os livros, as artes visuais.”

La Lettre, na sua forma de teatro popular, devolve o teatro e este lugar de se plantar no seio de um lugar, o mais possível num espaço público, e apelar à discussão, olhos nos olhos, dos nossos problemas comuns. Ou, como lhe chama Milo Rau, “reunirmo-nos em torno de grandes questões tentando dar pequenas respostas”.

“Bem vistas as coisas, todas as tragédias gregas podem ser reduzidas a histórias familiares. Política e família, é sempre este o centro das coisas”
Milo Rau